

XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau – SC



Influências na leitura de estudantes de Pedagogia

Débora Duarte Monney
Rosana Mara Koerner

Eixo Temático: Formação Docente

Resumo: Neste trabalho são apresentados alguns resultados de uma pesquisa que tem como objetivo identificar as trajetórias de letramento de estudantes – ingressantes e concluintes – do curso de Pedagogia da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Na pesquisa 45 alunos do curso responderam a um questionário composto por 21 perguntas, onde os procedimentos se sustentaram em uma abordagem qualitativa. Neste artigo serão apresentados dados de 5 questões que tinham como foco as influências de leitura desses sujeitos. Os resultados mostram que existem influências tanto no âmbito familiar quanto na escola. Na família destaca-se principalmente a figura feminina (mãe ou responsável do sexo feminino); os professores e os amigos também influenciam nas práticas de leitura desses sujeitos, possibilitando assim a ampliação de suas práticas leitoras. Principais autores:

Palavras-chave: Formação de Professores. Pedagogia. Leitura. Influências.

1. Introdução

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado que tem como objetivo identificar as trajetórias de letramento dos estudantes de Pedagogia e quais as contribuições que o curso está trazendo para o letramento dos seus estudantes.

Inserir-se no conjunto de pesquisas feitas no âmbito do grupo de pesquisas denominado LETRAFOR (Letramento na formação de professores), que se propõe a investigar trajetórias de letramento na formação de professores de diferentes áreas).

Identificar as práticas de leitura de estudantes de Pedagogia e quais foram/são as principais influências poderá indicar se essas leituras foram/são contributivas na formação desses estudantes como futuros professores. É possível que se perceba que o envolvimento com a leitura ao longo das trajetórias de cada indivíduo tenha contribuído para sua formação como sujeito letrado e na escolha do curso de Pedagogia, assim como suas expectativas quanto à sua futura ação docente.

É no âmbito dessas discussões que se insere o presente texto, que pretende contribuir para a compreensão de quem são os estudantes que optaram por um curso de Pedagogia, especialmente no que se refere às suas experiências com a leitura, ou seja, às suas trajetórias de letramento. Para tal, serão apresentados resultados da aplicação de um questionário a estudantes ingressantes e concluintes em um curso de Pedagogia de uma universidade comunitária de Santa Catarina. Serão trazidos os resultados das questões que tematizam suas trajetórias de leitura no ambiente doméstico, muitas delas anteriores ao seu ingresso na graduação. Assim, o artigo busca responder às indagações sobre o que esse estudante costuma ler, quantos livros lê por ano, quem mais o influencia ou influenciou a ler, e com que frequência via ou vê seus pais ou responsáveis lendo.

2. Importância da Leitura como Prática de Letramento

Quando a leitura atende às necessidades funcionais, aos interesses e expectativas do leitor, passa então a ser um ato relevante e significativo. Conforme Pérez & Garcia (2001, p. 49), “a leitura é um instrumento útil que nos aproxima da cultura letrada e permite-nos continuar aprendendo autonomamente em uma multiplicidade de situações”. Ou seja, a leitura precisa estar inserida em uma prática social, já que ela não pode ocorrer distante das situações vivenciadas na escola, na família, no trabalho, na sociedade em geral. (SILVA, 1998).

Barbosa (2008, p. 118) enfatiza que a “leitura é uma relação que se estabelece entre o leitor e o texto escrito, relação na qual o leitor, através de algumas estratégias básicas, reconstrói um significado do texto no ato de ler”. Portanto, deve-se partir do princípio de que a leitura precisa ser adquirida de uma maneira significativa, pensando-se sempre na proposta de um leitor que lê qualquer gênero textual.

Através da utilização de diversos tipos de texto é possível estimular a leitura com finalidades diferentes, pois para Solé (1998, p. 27) “a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação”, desta forma é possível trabalhar com o mesmo texto em situações diferentes, tendo assim a oportunidade de compreendê-lo e criar hipóteses sobre o que leu. Não é possível estimular a leitura e cativar novos leitores sem acreditar nas vantagens de se ler. Se a leitura não for vista como um processo permanente de troca e aquisição de conhecimento, que traga ao leitor o prazer do conhecimento, conseqüentemente se terá uma sociedade não- leitora.

A leitura é uma atividade construtiva, devendo ser efetivada diariamente, tomando como base os conhecimentos prévios dos educandos, possibilitando a sua interação com o mundo e a sociedade. Para Freire (2005 p.68-69), “só existe saber na invenção, na re-invenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.”

As pessoas podem ou não estar e se sentir inseridas em práticas de letramento; dependerá de suas experiências anteriores. Por isso é fundamental a imersão dos sujeitos em contextos específicos de uso da linguagem. (COLAÇO, 2012) O professor e suas práticas de leitura, dentre as quais, os modos como se relaciona com textos escritos na condição de leitor, pode ser considerado um tema bastante fértil, especialmente pelos diferentes olhares que suscita.

Dentro do escopo das discussões sobre letramento, é inegável o importante papel do professor como agente de letramento. De acordo com Kleiman (2006, p. 82): “[...] uma das possíveis representações do professor, responsável pela inserção dos alunos nas práticas de letramento em contexto escolar, é a de agente de letramento.” Nessa condição, ele é visto como aquele que mobiliza os saberes existentes, os recursos e as capacidades dos estudantes com vistas ao seu envolvimento em atividades relacionadas ao uso da escrita.

Não há como ignorar essa expectativa dentre as quais se destaca o papel de “formador” do hábito da leitura em seus alunos. Andrade (2007, p. 11), baseando-se em Tardif (1991), diz que: “Tratando-se de ensino de leitura e escrita, (...), é desejável que o professor tenha tais práticas incorporadas em seu horizonte de experiências cotidianas.” A palavra “práticas” facilmente remete à ideia de práticas

de letramento, proposta por Barton (1993 *apud* TERRA, 2013, p.48): “*práticas de letramento* são os modos culturais gerais de usar a leitura e a escrita que as pessoas produzem num *evento de letramento*”. São as práticas que possibilitam o envolvimento do sujeito em eventos de letramento, ou seja, situações determinadas que giram em torno da escrita.

Assim, parece extremamente relevante verificar de quais eventos de uso da escrita ou de que práticas de letramento esse professor participa. Em nota de rodapé, Andrade (2007, p. 11) afirma que:

Vários autores vêm chegando a essa conclusão, (...), sobre a necessidade imperiosa de se pensar na inserção do professor em práticas de letramento (das quais ele está excluído) se se quiser que esse profissional compreenda o que vem sendo proposto como objetivos para o ensino da leitura com as crianças e jovens (BATISTA, 1998; BRITTO, 1998; PINTO, 2001; KLEIMAN, 2001, para citar apenas alguns).

A suposição parece ser a de que a inserção do professor em tais práticas possa influenciar o seu planejamento das atividades pedagógicas com vistas ao letramento dos alunos; ou, no mínimo, que promova a reflexão quanto aos objetivos pretendidos com o uso de certos materiais em sala de aula. Dela Justina, em artigo no qual propõe um olhar sobre o nível de letramento do professor (2004, pp.366/7), detendo-se especialmente na leitura de documentos oficiais, ressalta a importância de que o professor, “[...] quando em formação, adquira as competências necessárias para ser um bom leitor de textos de vários gêneros e, principalmente, dos documentos oficiais de ensino.”

Na condição de agente de letramento, parece relevante investigar a relação desse sujeito com o objeto do seu fazer – a leitura, como propõe Evangelista (*In* MARINHO, 1998, p. 85):

O importante é que nas lembranças do que foi marcante, na história de formação desses professores, complementadas com o acompanhamento da sua atuação no cotidiano escolar, venham a emergir atos, objetos, materiais, gestos, discursos, práticas de leitura – sujeitos e fatos significativos – sociais, familiares e escolares que possam se constituir em elementos para análise.

Ver o professor para além de seu processo de formação, enxergá-lo em sua singularidade, em sua própria história de contatos com variados materiais, nas dificuldades que foram sendo superadas, naquelas que permanecem, pode trazer significativas contribuições para a compreensão de quem é esse agente de

letramento. É preciso tomar como sempre necessária a pergunta feita por Evangelista (*In* MARINHO, 1998, p. 82): “Na condição de leitores, quem são os professores, social e historicamente constituídos, na sua trajetória de formação social, familiar e escolar/acadêmica?” Ouvir dele como percebe suas práticas de leitura talvez possa indicar possíveis respostas a tal questionamento!

Tais respostas poderão fornecer pistas acerca da formação deste sujeito como agente de letramento, “[...] podem sinalizar, para a universidade, as transformações necessárias para formar professores que façam uma diferença, se o que se exige dele é que forme alunos que façam uma diferença no mundo dominado pela escrita”. (KLEIMAN, 2006, p. 89)

3. Metodologia

São discutidos aqui os dados referentes ao processo de inserção na leitura, gerados a partir da aplicação de um questionário composto por 21 questões que pudessem dar indicações sobre as trajetórias de letramento de futuros professores.

O universo da pesquisa, de cunho qualitativo, são estudantes do curso de Pedagogia da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, tendo como amostra 25 estudantes ingressantes entre 17 e 24 anos e 20 estudantes concluintes com idades entre 21 a 50 anos. Para esse texto foram selecionadas 5 questões, abertas, que contemplavam a aquisição, e o processo de leitura e as influências de leitura dos sujeitos pesquisados.

4. Sobre as práticas de leitura dos pedagogos

A primeira pergunta indagou os sujeitos sobre suas práticas de leitura e sobre o que costumam ler, na intenção de verificar se há ou não o hábito da leitura. Os estudantes responderam da seguinte forma, conforme o quadro 1 abaixo:

Quadro 1: O que você costuma ler?

	Ingressantes	Concluintes
livros	19%	17%
textos da internet	18%	16%
textos escolares	17%	15%
revistas	13%	11%

receitas	9%	8%
panfletos	8%	9%
jornais	7%	9%
história em quadrinhos	6%	6%
livros digitais	1%	8%

Fonte: Trajetórias de Letramento de Estudantes de Pedagogia

Embora os dados indiquem que a maioria dos estudantes costuma ler mais livros (19% no caso dos iniciantes e 17% para os concluintes), os textos da internet (18% e 16%, respectivamente) apresentaram números muito aproximados. A expressão “textos da internet” não é suficientemente clara para indicar a que tipo de textos os estudantes estão se referindo, mas já aponta para a intensificação das práticas de leitura nesse ambiente. Suspeita-se (a partir de respostas a outras questões não contempladas neste artigo) que muitos desses textos se referem às escritas nas redes sociais. A relativa incidência de referência a textos escolares indica que o momento da formação inicial exige a priorização de leituras relacionadas ao universo acadêmico. Chama a atenção o fato de os resultados não serem significativamente distintos entre os dois grupos pesquisados, o que provoca a suspeita de que a graduação pouco esteja interferindo nas práticas de leitura desses estudantes.

A segunda questão apresentada aos estudantes foi: “Quantos livros você costuma ler por ano?”. Os resultados são apresentados no quadro 2 a seguir:

Quadro 2: Quantos livros você costuma ler por ano?

Qtde livros	Ingressantes	Concluintes
De 2 a 4	52%	40%
De 5 a 6	16%	20%
De 6 a 10	17%	20%
De 11 -15	4%	5%
De 20 a 30	12%	10%
Não respondeu	4%	-

Fonte: Trajetórias de Letramento de Estudantes de Pedagogia

Conforme os dados apresentados, a maioria dos estudantes lê de dois a quatro livros por ano, o que sinaliza uma leitura pouco expressiva. O relativo aumento no número de livros observado nos dados dos concluintes talvez possa ser creditado à influência da graduação. Os alunos concluintes têm um maior

envolvimento em práticas de leitura do que os ingressantes. Isso pode ocorrer pelo fato de, ao estarem no último ano da faculdade, muitos desses concluintes já se encontrarem no mercado de trabalho e como professores podem sentir a necessidade de se atualizar e buscar conhecimento a cada dia. Também pode significar que as leituras exigidas pela graduação tenham contribuído para despertar certo gosto pela leitura.

A terceira questão entre as que se referiam ao processo de aquisição e influência nas práticas de leitura solicitava ao estudante que apontasse quem mais o influencia ou influenciou a ler. Os dados podem ser verificados no quadro 3 a seguir.

Quadro 3: Quem mais o influencia ou influenciou você a ler?

	Ingressantes	Concluintes
Professor/professora	43%	32%
Mãe ou responsável do sexo feminino	16%	20%
Amigos	11%	20%
Pai ou responsável do sexo masculino	9%	7%
Padre, pastor ou um líder religioso	7%	2%
Outros	10%	2%
Ninguém	2%	7%
Colega ou superior no trabalho	2%	5%
Marido ou esposa	0%	7%

Fonte: Trajetórias de Letramento de Estudantes de Pedagogia

Verifica-se nessa questão que tanto os ingressantes quanto os concluintes apontaram na sua maioria, as mesmas pessoas como influência de leitura, ou seja, primeiramente o professor/professora, com 43% e 32% respectivamente, seguido da figura da mãe ou responsável do sexo feminino, que apresentou 16% e 20% das respostas. O fato de a professora encontrar-se no topo da lista de tal questão é extremamente significativo no caso de licenciandos. Supõe-se que tal reconhecimento influencie o próprio trabalho docente, considerando-se as suas próprias trajetórias de letramento. Um aspecto a ser destacado é o número menor de referências ao professor do caso dos concluintes. Levando em conta os 4 anos em média que separam os dois grupos, tem-se que a influência do professor parece crescer para as gerações mais jovens. É preciso lembrar que a mulher tem cada vez mais exercido atividades profissionais que as obriga a deixar seus filhos em instituições de Educação Infantil.

O processo de aquisição da leitura, antes de ser iniciado pela escola, pode ser despertado na família ou em outros eventos de letramento, em outros locais pelos quais a criança circula. Em vista disso, perguntou-se aos estudantes, com que frequência via ou vê a mãe ou responsável do sexo feminino lendo, buscando então verificar se houve influência por parte da família no seu processo de aquisição de leitura. As respostas podem ser verificadas no quadro 4 a seguir.

Quadro 4: Com que frequência via ou vê mãe ou responsável do sexo feminino lendo?

	Ingressantes	Concluintes
De vez em quando	56%	35%
Sempre	24%	35%
Quase nunca	12%	20%
Nunca	8%	10%

Fonte: Trajetórias de Letramento de Estudantes de Pedagogia

O que foi apontado na análise da questão anterior parece encontrar reforço nos resultados dessa questão. Observando-se a alternância de percentuais entre ingressantes e concluintes, especialmente nas duas primeiras linhas, percebe-se que as mães se fizeram mais presentes (pelo menos no que se refere à questão da leitura) no caso dos concluintes, 4 anos mais velhos. Por outro lado, é também nesse grupo que se encontram as mães com menor incidência de práticas de leitura diante dos filhos. Tal fenômeno parece ser contraditório. As mães dos iniciantes (supostamente mais jovens) formam um grupo um pouco mais coeso, nitidamente polarizado entre as que leem e as que nunca o fazem. No caso dos concluintes, tal polarização não se evidencia tanto, indicando um grupo com atitudes um pouco mais homogêneas em relação à leitura para os filhos.

Percebe-se que apesar da figura feminina ser maior influenciadora do que o pai ou responsável do sexo masculino, conforme já apresentado anteriormente, o hábito da leitura não é tão destacado pelos respondentes, pois a maioria informa que via de vez em quando as mães lendo.

E a quinta e última pergunta dessas questões relacionadas ao processo de aquisição e influência de leitura apresentada pelos estudantes indagava sobre com que frequência via ou vê pai ou responsável do sexo masculino lendo. As respostas podem ser verificadas conforme o quadro 5 apresentado a seguir.

Quadro 5: Com que frequência via ou vê pai ou responsável do sexo masculino lendo?

	Ingressantes	Concluintes

Nunca	36%	30%
De vez em quando	32%	25%
Sempre	16%	25%
Quase nunca	16%	20%

Fonte: Trajetórias de Letramento de Estudantes de Pedagogia

Os dados indicam que os pais foram vistos com muito menor frequência lendo do que as mães, como já discutido anteriormente. Levando-se em conta que a experiência de assistir aos pais lendo pode contribuir para a formação do sujeito leitor, a influência é maior por parte da mãe ou responsável do sexo feminino. Partindo desses resultados, pode-se questionar sobre o porquê dessas influências serem maiores por parte da figura feminina? Se na atualidade a mãe ou responsável do sexo feminino desenvolve as atividades aproximadas às que dos pais ou responsáveis do sexo masculino, por que existe essa diferença nas questões da influência de leitura de seus filhos?

Considerações Finais

Identificar as práticas de leitura de sujeitos em formação inicial, neste caso especificamente, as influências de leitura, para esses sujeitos que serão professores, se apresenta como imprescindível para a percepção da multiplicidade de caminhos para que se tenha um envolvimento significativo na formação de um sujeito letrado. Ou seja, dos futuros alunos desses agora estudantes.

Pode ser verificado que o envolvimento dos sujeitos desta pesquisa com a leitura é anterior ao ingresso no curso de Pedagogia, mas também se verificou um maior número de leituras realizadas pelos concluintes do que pelos ingressantes. Isso nos leva a pensar que o curso e os professores têm influenciado esses estudantes à leitura. Outra questão apresentada como influência de leitura foi, especialmente, a figura do professor, nesse caso atuando como agente de letramento escolar e da mãe, como agente de letramento familiar.

O envolvimento em práticas de leitura desses estudantes, que futuramente serão professores e formadores, está ocorrendo em diversos ambientes, seja familiar, social ou escolar. Pelo que ficou do que foi exposto, muito ainda há para ser reconhecido quando se pensa no professor na interface entre sujeito e

profissional, especialmente em suas práticas de leitura. Parece relevante não perder de vista justamente esse aspecto: uma singularidade que se faz a partir de diferentes frentes. E como tal, com dificuldades, com lacunas, com preferências, com ecos de vozes da formação, com propostas pedagógicas – tudo se mesclando em seu fazer diário na sala de aula, com outros sujeitos, também singulares.

Referências

ANDRADE, Ludmila Thomé de. **Professores leitores e sua formação: transformações discursivas de conhecimentos e saberes**. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2007.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.

COLAÇO, Sylvania Faccin. **Práticas Pedagógicas de Letramento: uma visão ideológica**. IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

DELA JUSTINA, Eliege Wernke Niehues. **Nível de letramento do professor: implicações para o trabalho como gênero textual na sala de aula**. Linguagem em (Dis)curso. Tubarão-SC, v.4, n.2, p.349-370, jan./jun. 2004.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. A leitura literária e os professores: condições de formação e de atuação. *In* MARINHO, Marildes. & SILVA, Ceris Salete Ribas da. (Org.s) **Leituras do professor**. Campinas-SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 44ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

KLEIMAN, Angela B. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. *In* CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. & BOCH, Françoise (Org.s). **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2006.

PERÉZ, Francisco Carvajal & GARCIA, Joaquín Ramos (orgs). **Ensinar ou Aprender a Ler e a Escrever?** Aspectos teóricos do processo de construção significativa, funcional e compartilhada do código escrito. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura** – Porto Alegre: ArtMed, 1998. TERRA, Márcia Regina. Letramento & letramentos: uma perspectiva sócio-cultural dos usos da escrita. **D.E.L.T.A.**, v.29, n.1, p.29-58, 2013.

